



*The book is on the tablet:*  
**Visadas no discurso sobre o livro digital na imprensa<sup>1</sup>**

Ana Elisa RIBEIRO<sup>2</sup>

Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG

**RESUMO**

Enquanto algumas discussões sobre o livro apontam uma concorrência entre dispositivos tecnológicos, inclusive indicando o “fim” de uns aparatos para ceder espaço a outros; um debate de tendência menos polarizada tende a compreender as mídias como um sistema, o que implica uma reconfiguração do cenário dos dispositivos tecnológicos, inclusive do livro e de seus *displays*. Neste trabalho, analisa-se o discurso subjacente a notícias publicadas na imprensa (principalmente Folha de S.Paulo, on e off-line) sobre e-books, verificando-se uma visada de captação ligada ao discurso da nova tecnologia em tensão com outro discurso, menos explícito: o de que livro é bom mesmo no papel. Chega-se à conclusão de que a imprensa escrita ainda se vale do discurso de que o livro impresso goza de mais valor simbólico em nosso sistema de mídia.

**PALAVRAS-CHAVE:** livro; e-book; produção editorial; produção de livros.

**Considerações iniciais**

Se feita há algumas décadas, a pergunta “o que é um livro?” soaria impertinente. Mais ou menos usualmente, um livro era considerado um dispositivo<sup>3</sup> de papel, com texto/imagem impressos, destinado à leitura. A Unesco define o objeto como “Publicação não-periódica impressa de no mínimo 49 páginas, além da capa, publicada no país e disponibilizada ao público”<sup>4</sup>. Os critérios que distinguem esse produto de outros, portanto, passam pela distribuição e pela publicação, pelo tamanho, pela periodicidade e, o que nos interessa mais de perto aqui, pelo formato e pela impressão. Para a Unesco, objetos não enquadráveis nesses critérios, portanto, não são livros, o que parece excluir alternativas digitais.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Produção Editorial, XI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Recife, PE – 2 a 6 de setembro de 2011.

<sup>2</sup> Doutora em Linguística Aplicada, pós-doutora em Comunicação. Professora do PPG em Estudos de Linguagens do CEFET-MG, email: anadigital@gmail.com

<sup>3</sup> A palavra “dispositivo” está sendo usada aqui em seu sentido mais trivial e menos engajado em qualquer teoria que a requalifique para tratar de mídias.

<sup>4</sup> “Non-periodic printed publication of at least 49 pages exclusive of the cover pages, published in the country and made available to the public.” Em [http://www.uis.unesco.org/ev.php?ID=5096\\_201&ID2=DO\\_TOPIC](http://www.uis.unesco.org/ev.php?ID=5096_201&ID2=DO_TOPIC), acessado em 28 de abril de 2011.



Afora definições mais filosóficas, literárias ou metafóricas do livro, trata-se de um objeto técnico e tecnológico, em grande medida industrializado e, em sua totalidade, uma conjunção entre o que chamaríamos hoje hardware e software.

A descrição do que seja um livro, no entanto, é dinâmica. Fazendo ele parte de um “sistema de mídia”<sup>5</sup> (BRIGGS; BURKE, 2004), vê-se, como todos os demais elementos desse sistema, influenciado e influenciador de mudanças, reformas e ajustes. Há setecentos anos, a descrição de um livro era diversa de uma descrição de trezentos anos, tanto em relação ao material empregado para fazê-lo quanto em relação ao processo de edição e mesmo ao projeto gráfico (se é que se poderia chamar assim).

Dos livros de hoje pode-se dizer o mesmo, isto é, que vêm tendo sua descrição alterada, talvez ampliada, enfatizando-se uma novata descolagem entre hardware e software. O texto, antes trançado à materialidade do objeto, inclusive tendo esse objeto como determinante, em larga medida, de sua classificação (um livro é um livro porque tem a forma de um), agora ocorre fora de um objeto exclusivo e passa a se mostrar em um *display*<sup>6</sup> bem mais versátil e mesmo promíscuo (atribua-se bom sentido à palavra).

O que existia antes do século XX (e de suas invenções em mídias) era uma relação entre a tecnologia e um gênero ou uma organização textual configurada sobre esse objeto. Um livro é uma tecnologia que suporta, fixa, define, mostra ou materializa tanto uma enciclopédia quanto a Bíblia, poemas, romances, contos, receitas culinárias, glossários, letras de música, quadrinhos, imagens, fotos ou outra proposta qualquer que seja imprimível. Em outras palavras, um livro não é um gênero, mas um espaço que acolhe os textos editados conforme alguma proposta editorial. Dizer que algo é um livro exprime algo sobre a forma, mas não sobre o conteúdo ou a organização. Nas tecnologias mais recentes, fica ainda mais fraca a relação entre forma e conteúdo, já que os dispositivos são ainda mais “portadores” do que “suportes”<sup>7</sup>, isto é, são ainda mais mostradores do que o objeto impresso.

---

<sup>5</sup> Para os autores, “A mídia precisa ser vista como um sistema, um sistema em contínua mudança, no qual elementos diversos desempenham papéis de maior ou menor destaque” (2004, p. 17). Explicando melhor: “Pensar em termos de um sistema de mídia significa enfatizar a divisão de trabalho entre os diferentes meios de comunicação disponíveis em um certo lugar e em um determinado tempo, sem esquecer que a velha e a nova mídia podem e realmente coexistem, e que diferentes meios de comunicação podem competir entre si ou imitar um ao outro, bem como se complementar” (2004, p. 33). Outro modo interessante de pensar a relação entre tecnologias é fornecido por Bolter e Grusin (2004).

<sup>6</sup> Tenho empregado esta palavra para tratar de suportes, portadores, objetos de ler, etc. Uma discussão interessante, que inclusive critica um tanto a ideia de que um suporte seja apenas um “mostrador” e fixador de textos, está no trabalho de Távora (2008).

<sup>7</sup> Teberosky e Colomer (2003) propõem uma diferenciação entre suporte e portador à qual aderi aqui. Suportes são espaços *para* texto/imagem; portadores são espaços em que texto/imagem impressos podem eventualmente estar, mas não são especificamente feitos para eles. Livros seriam suportes, mas smartphones, por exemplo, seriam portadores.



Desde o advento (valha o termo) dos aparelhos com telas mostradoras (sejam eles pesados computadores de mesa ou os hodiernos tablets) que os livros vêm servindo de metáforas para produtos legíveis que em quase nada se parecem com livros de papel, não fosse uma conexão de origem com um processo editorial já antigo. E além deste, uma relação visual, isto é, de planejamento gráfico, em muito coincidente e herdeira do livro impresso (muito embora nem sempre isso seja admitido).

A relação entre novos e conhecidos objetos, no entanto, não ocorre sem tensionamentos. Tanto o leitor quanto, principalmente, o produtor de ambos (para desconsiderar qualquer híbrido) debatem sobre modos de usar, processos de feitura, usos e práticas, costumes e aprendizagens. Nesse cenário, a imprensa notícia, especialmente em cadernos de cultura (ou, hoje, de tecnologia), o lançamento deste ou daquele livro, em versões impressa e digital. Isso se faz, no entanto, com implicações para a formação e/ou a difusão de um discurso em relação à tecnologia e ao livro.

Neste trabalho, esses aspectos serão tratados, embora não-exaustivamente, com base na breve análise de notícias publicadas principalmente no jornal Folha de S.Paulo (Folha), no ano de 2010, sobre livros impressos e digitais. Para dar suporte à análise, emprega-se o aporte conceitual de Patrick Charaudeau, especialmente na obra de 2006.

### **Visadas na notícia**

A conhecida obra *Discurso das mídias*, de Patrick Charaudeau (2006), servirá de suporte à breve análise que aqui se oferece de notícias que tratam do lançamento de livros digitais ou de seus dispositivos de armazenagem (e exibição) em alguns jornais brasileiros. Para melhor enquadrar a proposta, parece-nos óbvio que “não há captura da realidade que não passe pelo filtro de um ponto de vista particular” (CHARAUDEAU, 2006, p. 131), mesmo na notícia, a despeito de uma profusão de discursos da neutralidade, de um espelhamento da realidade ou da descrição exata dos fatos. Sendo isto, para nós, impossível na comunicação, tratamos de observar a maneira como o livro vem sendo discursivizado em sua relação renovada com aspectos da tecnologia que o suporta e materializa.

Conforme propõe Charaudeau (2006), a notícia pode ser definida por seu caráter de atualidade em relação a acontecimentos (eleitos como notícias). A seleção do que será notícia também impõe, segundo o autor, um recorte do objeto noticiado e uma configuração da ocorrência. O que este trabalho quer pôr em evidência é que o livro, transfigurado pelas novas tecnologias, tem sido eleito como objeto de notícia há alguns



anos e cada vez mais, inclusive ocupando novos espaços na topologia dos jornais. Mas não exatamente o livro definido pela Unesco, impresso e com capas. O que vem sendo motivo de notícia é uma metáfora do livro agora produzida e distribuída de outra forma, embora também se preste a ser lida e comentada.

Na notícia, misturam-se as visadas de “fazer saber” e de “fazer sentir”, respectivamente chamadas por Charaudeau (2006) de “informação” e “captação”. A primeira é definida como “fazer saber ao cidadão o que aconteceu ou o que está acontecendo no mundo da vida social” (p. 87). Faz-se isso por meio da narração-descrição ou da explicação, não sem implicações para o que se costuma chamar de exatidão, de credibilidade ou de verdade dos fatos. A visada de captação está “orientada para o parceiro da troca”, que se presume não natural, não passivo e ainda não conquistado (CHARAUDEAU, 2006, p. 91). É preciso emocionar o público e desencadear interesse. A navegação por esses dois polos não é simples para a instância da produção de notícias.

Noticiar o livro em sua relação com tecnologias e dispositivos digitais tem sido comum em jornais e revistas, o que nos permite uma análise, embora simplória, das estratégias empregadas nesses textos para informar e/ou captar não apenas um leitor, em busca do texto ou da experiência estética (que parecem ficar em segundo plano), mas um consumidor de tecnologias obsoletas, mas sedutoras e prestigiosas.

### **Método, resultados e discussão**

Por meio das páginas web do jornal brasileiro Folha de S.Paulo, fez-se uma pesquisa para identificar e recuperar notícias sobre livros e tecnologia ao longo do ano de 2010. O jornal foi escolhido por ter circulação nacional e ser amplamente conhecido do leitor.

Após a leitura das notícias, foi possível observar os cadernos em que elas foram publicadas e categorizá-las conforme o tópico central (macroestrutura, como diria VAN DIJK, 2004) que abordavam. Este é, portanto, um trabalho que se debruça sobre textos e discursos, com o objetivo de discutir as relações entre livros, novas tecnologias e discursos sobre uma compreensão de nosso “sistema de mídia” (BRIGGS; BURKE, 2004). Na pesquisa sobre notícias, outros textos foram encontrados em outros jornais. Aqui, alguns deles são apenas comentados.

A Folha de S.Paulo publicou, em 2010, 14 notícias que relacionavam o mercado editorial, os livros e as novas tecnologias. Em sua maioria, essas notícias tratavam de



dispositivos como e-readers e tablets ou de uma reconfiguração do mercado editorial e dos modelos de negócios das empresas a ele relacionadas.

No Quadro 1 propomos uma organização das notícias encontradas conforme o caderno em que aparecem e conforme o tópico central de que tratam:

Notícia	Caderno	Sumário
Opinião: “iPhone de Itu” manda Apple de volta a 1989 <sup>8</sup>	Tecnologia (Tec, Multimídia ou Link)	“Test drive” do iPad e críticas ao dispositivo
Especialistas avaliam impacto do lançamento do iPad; ouça <sup>9</sup>		Especialistas discutem o iPad em relação a usos e custos
Concorrentes do Kindle animam editoras a subir preços de e-books <sup>10</sup>		Editoras negociam aumento do preço dos livros eletrônicos
Penguin quer reinventar o livro eletrônico com recursos interativos <sup>11</sup>		Editora investe em livro eletrônico afirmando reinventar o conceito
A Folha testou: “iPad ainda não mostra a que veio” <sup>12</sup>		“Test drive” do iPad e críticas às possibilidades de uso do dispositivo
Livro interativo limita capacidade de imaginação, diz diretor da Feira de Frankfurt <sup>13</sup>		Diretor de uma famosa feira de livros defende que o livro digital (interativo) reduz o espaço de imaginação do leitor (entrevista)
Romantismo do livro é desafio na era digital, diz editora <sup>14</sup>		Editora trata das dificuldades de estabelecer plano de negócios para o livro digital e para o livro impresso, em concorrência.
Autores independentes se beneficiam dos e-books <sup>15</sup>		Autores iniciantes e independentes têm no livro digital uma possibilidade de lançar suas obras e de obter ganhos com mais facilidade
Livros impressos são lidos mais rapidamente do que e-books, diz estudo <sup>16</sup>		Resultados do conhecido Nielsen Norman Group apontam que a leitura em telas de e-readers é mais lenta do que em papel
Autor James Patterson vende primeiro milhão de livros digitais <sup>17</sup>		Autor estrangeiro vende primeiro milhão de livros digitais, além dos de papel
Saraiva entra no mercado de “ebooks” <sup>18</sup>		Grande editora brasileira aposta no mercado de e-books
Livro eletrônico chega aos “imortais” da		Escritores da Academia Paulista de

<sup>8</sup> Em <http://www1.folha.uol.com.br/tec/685648-opinio-iphone-de-itu-manda-apple-de-volta-a-1989.shtml> (27.1.2010)

<sup>9</sup> Em <http://www1.folha.uol.com.br/folha/podcasts/ult10065u685461.shtml> (27.1.2010)

<sup>10</sup> Em <http://www1.folha.uol.com.br/folha/informatica/ult124u690915.shtml> (8.2.2010)

<sup>11</sup> Em <http://www1.folha.uol.com.br/folha/informatica/ult124u706259.shtml> (13.3.2010)

<sup>12</sup> Em <http://www1.folha.uol.com.br/folha/informatica/ult124u716046.shtml> (4.4.2010)

<sup>13</sup> Em <http://www1.folha.uol.com.br/folha/informatica/ult124u717325.shtml> (7.4.2010)

<sup>14</sup> Em <http://www1.folha.uol.com.br/folha/informatica/ult124u721385.shtml> (15.4.2010)

<sup>15</sup> Em <http://www1.folha.uol.com.br/folha/informatica/ult124u739161.shtml> (22.5.2010)

<sup>16</sup> Em <http://www1.folha.uol.com.br/tec/762028-livros-impressos-sao-lidos-mais-rapidamente-do-que-e-books-diz-estudo.shtml> (5.7.2010)

<sup>17</sup> Em <http://www1.folha.uol.com.br/tec/763873-autor-james-patterson-vende-primeiro-milhao-de-livros-digitais.shtml> (8.7.2010)

<sup>18</sup> Em <http://www1.folha.uol.com.br/tec/783021-saraiva-entra-no-mercado-de-ebooks.shtml> (14.8.2010)



Academia Paulista de Letras <sup>19</sup>	Cotidiano	Letras têm contato com suas obras em versão digital pela primeira vez.
Best-sellers de história defendem obras mais acessíveis <sup>20</sup>	Ilustrada	Autores de sucesso defendem livros de história de linguagem acessível ao grande público. Ao final, mencionam os lançamentos de suas obras em versão digital.

**QUADRO 1.** Notícias e cadernos sobre livro e tecnologia na Folha de S.Paulo 2010.

É interessante notar um deslocamento do tema “livro” dos espaços de cadernos de cultura para os cadernos de tecnologia. Isso certamente se deve à emergência do dispositivo eletrônico como maior preocupação dos profissionais que com ele lidam. O livro eletrônico, agora quase uma metáfora do livro impresso, passa a pautar cadernos (também recentemente instituídos) de jornais em discussões que envolvem a economia editorial (modelos de negócios, vendas, marketing, pagamento de direito autoral, distribuição, lojas), configurações tecnológicas, empresas específicas (Apple, Amazon, grandes editoras) e os atores do processo de edição (editor, autor, leitor, livreiro).

Os títulos das notícias, por si sós, evidenciam visadas discursivas interessantes para uma análise da convivência conflituosa entre duas tecnologias do livro. A expressão “iPhone de Itu”, já no título de uma notícia (MUNIZ, 2010), conduz o leitor a uma avaliação pejorativa do novo dispositivo (o iPad). Formulações que dizem que determinado dispositivo “*manda de volta* a 1989” (MUNIZ, 2010), que o livro interativo “*limita* capacidade de imaginação” (LANG, 2010), que o romantismo do impresso é um “desafio” para o livro eletrônico (ROMANTISMO DO LIVRO, 2010) colocam o e-book em um lugar frágil e mesmo pior em relação ao impresso. Estão aí também implícitos alguns posicionamentos em relação a novas e tradicionais tecnologias, por exemplo, na escolha da expressão “Livros impressos são lidos mais rapidamente do que e-books” (LIVROS IMPRESSOS, 2010) em lugar de outra formulação que colocasse em evidência uma nova tecnologia.

A notícia sobre a chegada dos livros eletrônicos aos “imortais” da Academia Paulista de Letras é especialmente interessante, já que põe em campos opostos não apenas o impresso e o digital, mas o escritor “imortal” diante do novo dispositivo. Na fotografia que compõe o texto vê-se um pequeno grupo de escritores idosos a explorar, curiosamente, um e-reader. A notícia frisa ser aquele o primeiro contato dos escritores

<sup>19</sup> Em <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/800277-livro-eletronico-chega-aos-imortais-da-academia-paulista-de-letras.shtml> (17.9.2010)

<sup>20</sup> Em <http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/800637-best-sellers-de-historia-defendem-obras-mais-acessiveis.shtml> (8.9.2010)



com a máquina, apresentando uma espécie de exploração de um novo mundo àqueles que parecem menos que “imigrantes digitais” (PRENSKY, 2001)<sup>21</sup>.

As visadas de informação podem ser observadas em todos os textos, já que há a intenção de informar o leitor sobre algum acontecimento ligado ao livro (ou a alguma tecnologia a ele relacionada). Na notícia “Romantismo do livro é desafio na era digital, diz editora”, parte-se do lançamento do iPad, tablet considerado a vedete do momento entre os dispositivos digitais, para se discutir o livro impresso. Citações de falas de editores ajudam a dar credibilidade à ideia de que o romantismo é uma característica boa e que deve ser preservada no livro impresso, em franca concorrência com alguma característica presumivelmente oposta do livro digital ou eletrônico.

Em “Saraiva entra no mercado de ‘ebooks’”, outra visada de informação emerge da notícia de que uma grande editora brasileira se lança no novo mercado. Números, custos, cifras e estimativas são comuns em todas essas matérias, já que há uma preocupação com os negócios e seus modelos (sempre duvidosos ainda), em detrimento de uma preocupação com a cultura escrita ou do livro propriamente. Trata-se, agora, de um problema de modelo de negócios, hardware e software.

A notícia “Livros impressos são lidos mais rapidamente do que e-books, diz estudo” traz a informação de que um conhecido grupo de estudos de design e usabilidade norte-americano (o Nielsen Norman Group) havia divulgado resultados de uma pesquisa científica (e mesmo de laboratório) segundo a qual o tempo de leitura em um e-reader (o Kindle, especificamente) e em um tablet (iPad) é até 10% maior do que em um livro impresso. Os testes foram feitos com usuários lendo textos literários de Ernest Hemingway nos dispositivos mencionados, além de um computador pessoal e no papel (controle). Embora deva existir um relatório detalhado dessa pesquisa, a notícia não dá qualquer informação sobre a forma como a investigação foi executada, se as mesmas pessoas leram o mesmo material e nem mesmo tece qualquer análise sobre que significado tem esse resultado para o leitor.

É interessante analisar as motivações dessa notícia. As escolhas discursivas (também de tópicos e construções propriamente linguísticas) são interessantes desde o título, que estabelece o livro impresso como parâmetro e o coloca no lugar da vantagem. Embora se fale apenas em velocidade de leitura (e não em compreensão), a notícia

---

<sup>21</sup> Marc Prensky lançou essa ideia em 2001, num artigo que trata dos “nativos” e dos “imigrantes digitais”. O fato de citá-lo aqui não me alinha às conclusões do autor sobre a apropriação de novas tecnologias por pessoas de todas as idades.



parece apontar uma desvantagem dos dispositivos eletrônicos. A primeira oração do texto aponta que “O tempo que uma pessoa leva para ler um livro é maior nos dispositivos eletrônicos”, isto é, inverte-se o tópico e aponta-se uma relação desvantajosa na nova tecnologia. De outro ângulo, é interessante notar que livros são considerados itens que estão contidos nos “dispositivos eletrônicos”, sendo uma espécie de equivalentes de outras formas de livro. Importante, no entanto, é considerar que a experiência de ler não pode mesmo ser igual em cada materialidade, como aponta, há anos, Roger Chartier: “Passando do códex à tela, o ‘mesmo’ texto não é mais o mesmo, e isso porque os novos dispositivos formais que o propõem a seu leitor modificam as suas condições de recepção e compreensão” (CHARTIER, 1998, p. 92). Em Ribeiro (2009; 2009a) também há discussões sobre isso.

Apesar da lentidão, presumida como desvantagem no mundo da propalada alta velocidade e da captação de tudo em tempo real, a notícia tem como fechamento a informação de que “apesar disso, informa a ‘PC World’, os leitores preferiram mais ler nos tablets do que no papel”, o que pode ser a visada de captação insinuada no gosto não-explicado pelos novos modos de ler e pelo encantamento com novos dispositivos.

Um outro discurso emerge da notícia “Livro interativo limita a capacidade de imaginação, diz diretor da Feira de Frankfurt”. Apresenta-se, na verdade, uma entrevista com Juergen Boos, diretor de uma das mais importantes e tradicionais feiras de livros do mundo. Livros impressos, diga-se. A matéria trata de apontar os recursos multimídia dos livros eletrônicos como um futuro inexorável, chamando, inclusive, um outro modo de ler de “trivial” e apontando que os livros “interativos” teriam já sido “alvo de críticas” por uma “possível subtração da capacidade imagética dos leitores” (desconte-se a impropriedade da palavra imagética nesse contexto).

Juergen Boos defende, entre outras coisas, que o espaço para a imaginação é maior na leitura de impressos, mas não deixa de mencionar iPads e outros objetos que serão mais comuns no futuro e talvez obriguem a novas formas de produzir livros. A despeito de a entrevista ser relativamente longa, elege-se exatamente a passagem em que o entrevistado fala das supostas limitações do leitor como tópico e como título.

Da mesma forma, sob o véu de um discurso pró livro impresso, aparecem as notícias ligadas a “test drives” de novos aparelhos. É o caso de “A Folha testou: ‘iPad ainda não mostra a que veio” e “Opinião: ‘iPhone de Itu’ manda Apple de volta a 1989”, além de “Especialistas avaliam impacto do lançamento do iPad”.



Na primeira notícia, uma jornalista é convidada a testar um iPad e a avaliá-lo, da mesma forma que se faz com lançamentos de carros. Ela compara o dispositivo a outros (iPod e iPhone, por exemplo). Funcionalidades e capacidades são primeiro comentadas, em geral como desvantajosas, para, apenas de relance, se comentar o livro que ali poderia ser lido: tamanho das letras, busca a qualquer parte do livro, biblioteca disponível, etc. são elementos comentados, misturados às questões meramente tecnológicas. Isto é, mais uma vez, está em evidência um aparelho que, ao que parece, por acaso, também pode ser *display* de livros.

Na notícia “Penguin quer reinventar livro eletrônico com recursos interativos”, a visada de informação está presente com o fato de que uma grande editora havia apresentado planos de “transpor suas obras para o computador com tela sensível ao toque da Apple”, isto é, o iPad. A editora, no entanto, afirma que fará isso acrescentando recursos como áudio, vídeo, mapas, entre outros. Essa seria, então, uma nova geração não apenas de livros, mas de livros eletrônicos, já diferentes dos que a notícia chama de “tradicionais”. Segundo o editor, “A própria definição de livro está aberta”, com o que só se pode concordar. Como tenho defendido em outros espaços<sup>22</sup>, poder-se-ia arriscar mais: é preciso dar outro nome a esses objetos, que já se distanciam muito do que são os livros impressos, tanto na produção quanto em outras etapas de sua existência.

Segundo a mesma notícia, especialistas se dividiram entre os que se animam com “as novas possibilidades” e os que estão “preocupados com a deturpação do conceito de livro”. A reinvenção do livro, ao que parece, não passa de um desfoque. O livro continua lá. O que se inventa é um outro objeto de ler cuja existência singular também exige (ou ao menos propicia) uma experiência de leitura também distinta (embora herdeira de outras). Eis mais um problema para o estudo das metáforas.

Embora este ensaio traga exemplos de notícias da Folha de S.Paulo, um dos mais respeitados jornais do país, outros periódicos (entre jornais e revistas, em todos os meios) têm tratado o livro e suas novas materialidades como merecedores de discussão e de espaços na mídia. São exemplos únicos e aleatórios notícias como “Ação da Amazon cai por medo de preço de livro digital mais alto”<sup>23</sup>, publicada no caderno Link (de tecnologia) do Estadão; “Era dos livros eletrônicos complica vida dos escritores”<sup>24</sup>,

---

<sup>22</sup> Ver Ribeiro (2010; 2010a), nas referências bibliográficas.

<sup>23</sup> Em <http://blogs.estadao.com.br/link/acao-da-amazon-cai-por-medo-de-preco-de-livro-digital-mais-alto/> (1.2.2010)

<sup>24</sup> Em <http://www.zwelangola.com/ler.php?id=3342> (3.10.2010)



no jornal *Zwela Angola*<sup>25</sup> (mas produzida por agência internacional); ou “Tão bons que viram livros”<sup>26</sup>, publicada no caderno de Informática do jornal Estado de Minas. Esta última merece destaque em razão de se poder inferir o valor atribuído ao livro em detrimento de outros espaços de publicação. Na escolha do título já se entrevê uma relação valorativa forte em favor de textos impressos. A informação é de que alguns blogs, em razão de sua qualidade, são transformados em livros de papel, objeto que se presume mais prestigioso e mais adequado ao bom texto, ainda.

### **Considerações finais**

O livro é assunto sob a rubrica da tecnologia, entendida como algo ligado à atualização de equipamentos, especialmente os eletrônico-digitais. Como se pode depreender das notícias publicadas em um grande jornal brasileiro, no ano de 2010, sobre o tema, a qualidade do que se publica ou uma apreciação dos conteúdos são relegadas a segundo plano em prol de uma discussão sobre a recepção e o consumo de dispositivos de tecnologia digital. A forma do livro ou sua atual metáfora atualizada (nem sempre materializada) em leitores ou tablets soa metafórica, figura de linguagem para um objeto de outra natureza e que demanda uma nova postura tanto do produtor quanto do leitor.

A despeito de certo encantamento pelas novas tecnologias e de uma visada de captação que tenta seduzir o leitor para que se torne consumidor de novos aparelhos (inclusive para ler livros), ainda tem força um discurso, sustentado pela imprensa, segundo o qual o livro impresso ainda é o lugar da qualidade editorial e das habilidades leitoras de nível mais alto, mais inventivas e exigentes. O livro impresso continua sendo o tópico central da questão e se mantém na posição paramétrica em relação a produtos mais novos e ainda indefinidos no cenário da produção editorial. Isso talvez possa mostrar, ainda que de maneira simplista, que discursos se interpolam nesta era das transições. Ousando mais do que isso: nem se sabe se se trata mesmo de uma transição, do que se inferiria uma substituição futura de tecnologias de ler. Talvez sequer seja o caso e talvez experimentemos, como em outros momentos, um sistema de mídia ampliado e reconfigurado, no qual cabem todas as experiências.

---

<sup>25</sup> Em <http://www.zwelangola.com/ler.php?id=3342> (29.9.2010). Esse jornal escolhe termos como “complica” ou “atormenta o mercado editorial francês” para se referir à chegada do livro eletrônico.

<sup>26</sup> Em [http://www.uai.com.br/htmls/app/noticia173/2010/01/21/noticia\\_tecnologia,i=144756/index.shtml](http://www.uai.com.br/htmls/app/noticia173/2010/01/21/noticia_tecnologia,i=144756/index.shtml) (21.1.2010)



## Referências

- AÇÃO DA AMAZON cai por medo de preço de livro digital mais alto. **Folha de S.Paulo**, 1 fev. 2010.
- AUTOR JAMES PATTERSON vende primeiro milhão de livros digitais. **Folha de S.Paulo**, 8 jul. 2010.
- BOLTER, Jay D; GRUSIN, Richard. **Remediation**. Understanding new media. USA: MIT Press, 2004.
- BOTTREL, Frederico. Tão bons que viram livros. **Estado de Minas**, 21 jan. 2010.
- BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. **Uma história social da mídia**: de Gutenberg à Internet. Trad. Maria Carmelita Pádua Dias. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- CAPANEMA, Rafael. Penguin quer reinventar livro eletrônico com recursos interativos. **Folha de S.Paulo**, 13 mar. 2010.
- CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. Trad. Angela M. S. Corrêa. São Paulo: Contexto, 2006.
- CHARTIER, Roger. **A ordem dos livros**: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII. 2 ed. Trad. Mary Del Priore. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.
- ERA DOS LIVROS eletrônicos complica vida dos escritores. **Zwela Angola**, 3 out. 2010.
- ESPECIALISTAS AVALIAM impacto do lançamento do iPad; ouça. **Folha de S.Paulo**, 17 set. 2010.
- FIBE, Cristina. A Folha testou: “iPad ainda não mostra a que veio”. **Folha de S.Paulo**, 27 jan. 2010.
- FUSCO, Camila. Saraiva entra no mercado de “ebooks”. **Folha de S.Paulo**, 14 ago. 2010.
- LANG, Marina. Livro interativo limita capacidade de imaginação, diz diretor da Feira de Frankfurt. **Folha de S.Paulo**, 7 abr. 2010.
- LIVRO ELETRÔNICO chega aos “imortais” da Academia Paulista de Letras. **Folha de S.Paulo**, 17 set. 2010.
- LIVROS IMPRESSOS são lidos mais rapidamente do que e-books, diz estudo. **Folha de S.Paulo**, 5 jul. 2010.
- MUNIZ, Diógenes. Opinião: “iPhone de Itu” manda Apple de volta a 1989. **Folha de S.Paulo**, 27 jan. 2010.
- PERES, Marcos F. Best-sellers de história defendem obras mais acessíveis. **Folha de S.Paulo**, 18 set. 2010.
- PRENSKY, Marc. Digital Natives, Digital Immigrants. **On the Horizon**, MCB University Press, v. 9, n. 5, October 2001. Disponível em <<http://www.marcprensky.com/writing/prensky%20-%20digital%20natives,%20digital%20immigrants%20-%20part1.pdf>>. Acessado em 29.4.2011



RAAB, Charlotte. Concorrentes do Kindle animam editoras a subir preços de e-books. **Folha de S.Paulo**, 8 fev. 2010.

RIBEIRO, Ana Elisa. **Ler na tela**. Trajetos do leitor na leitura de jornais impressos e digitais. Belo Horizonte: InterDitado, 2009.

RIBEIRO, Ana Elisa. **Navegar lendo, ler navegando**. Notas sobre a leitura de jornais impressos e digitais. Belo Horizonte: InterDitado, 2009a.

RIBEIRO, Ana Elisa. **Livros, revistas, jornais e displays eletrônicos**. Digestivo Cultural, 15 jan. 2010. Disponível em <[http://www.digestivocultural.com/colunistas/coluna.asp?codigo=2976&titulo=Livros,\\_revistas,\\_jornais\\_e\\_displays\\_eletronicos](http://www.digestivocultural.com/colunistas/coluna.asp?codigo=2976&titulo=Livros,_revistas,_jornais_e_displays_eletronicos)>. Acessado em 29.4.2011.

RIBEIRO, Ana Elisa. Ler na tela. O que é, hoje, um livro? In: MARTINS, Aracy A. et al. (Orgs.). **Livros & telas**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010a.

ROMANI, Bruno. Autores independentes se beneficiam dos e-books. **Folha de S.Paulo**, 22 maio 2010.

ROMANTISMO DO LIVRO é desafio na era digital, diz editora. **Folha de S.Paulo**, 15 abr. 2010.

TÁVORA, Antônio D. Fernandes. **Construção de um conceito de suporte**: a matéria, a forma e a função interativa na atualização de gêneros textuais. Tese (Doutorado em Linguística). Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2008.

TEBEROSKY, A.; COLOMER, T. **Aprender a ler e a escrever**: uma proposta construtivista. Trad. Ana Maria Neto Machado. Porto Alegre: Artmed, 2003.

VAN DIJK, Teun A. **Cognição, discurso e interação**. 6 ed. São Paulo: Contexto, 2004.